



**FRESCO**  
RECÉM-CASADOS

# Os vincos na camisa e a tampa da sanita

Ainda há quem case sem antes experimentar viver a dois.  
O pós-casamento é um tempo de descobertas e embates.  
Falámos com quatro pares casados de fresco

TEXTO DE **KATYA DELIMBEUF** FOTOGRAFIAS DE **TIAGO MIRANDA**



**JOÃO E SARA CASQUEIRA**  
DESCOBRIRAM INÚMERAS  
DIFERENÇAS QUANDO  
COMEÇARAM A VIVER  
JUNTOS, DEPOIS DE CASAR.  
HÁBITOS DIFERENTES VÊM  
AO DE CIMA. PARA JOÃO,  
A ROUPA TEM DE ESTAR  
SEMPRE IMPECÁVEL

**H**oje em dia, cada vez menos gente se casa sem se juntar primeiro. Porém, ainda há quem suba ao altar sem ter partilhado o mesmo espaço e o dia a dia. Mas os primeiros tempos a dois podem ser um desafio. Descobrem-se hábitos até então desconhecidos, estabelecem-se regras sobre a divisão de tarefas... E até a posição do pacote de leite pode passar a ser um problema. Mas também há boas surpresas.

Em casa de Lélia e Carlos, os cavalos estão por todo o lado. São elementos da cultura de campinos e ganadeiros que é a deles. Vivem numa quinta, em Benavente, desde que casaram há um ano e dez meses. Lélia e Carlos são o típico casal rural que reproduz os padrões de antigamente. Ambos têm 30 anos. Ele, de Alcochete, é ferrador de cavalos; ela, da Moita, é socióloga, embora nunca tenha exercido a profissão e tenha trabalhado sempre em empresas como secretária. Grávida de oito meses de um rapaz que já anda a fazer o avô sonhar com caçadas, Lélia está agora em casa, de repouso.

“Já foi casada?”, dispara Carlos à nossa chegada, em jeito de graça. “Se não foi, não se case”, atira. De seguida, assume o seu lugar, em silêncio, no sofá coberto por uma pele de vaca, enquanto dá a Lélia a vez. “Ela fala por mim”, dirá várias vezes. “A lua de mel é uma maravilha”, principia Lélia, que dificilmente perde o sorriso. “Depois, quando se entra em casa e se veem comportamentos desconhecidos é que se começa a descobrir a vida de casado”, completa. “Ver os toalhões de banho e os sapatos fora do sítio, insistir para ele levantar o prato da mesa...” Ainda hoje a tira do sério que ele vá tomar banho e não leve uma muda de roupa — e depois lhe peça para a levar (como a mãe dele fazia). “De início, explodia. Agora, ouço mais, tento compreender. Mas também viro mais as costas.”

Uma das coisas mais difíceis foi aprender a conviver no mesmo espaço quando estão

chateados. Ela passou a falar menos. Quando se zangam, encarnam uma espécie de rivalidade regional: ela fica com “feito de moiteira”, ele é o “vaidoso do alcochetano”...

Estipularam uma regra na divisão das tarefas: Lélia trata da casa, Carlos cuida da quinta. Ela aprendeu a cozinhar e introduziu o marido às “lasanhas, bolonhesas e ‘hamburgas’ com natas e cogumelos”, que não faziam parte da sua dieta. Carlos engordou cinco quilos. É um homem conservador, “com um lado machista”, admite Lélia, “mas eu já me habituei”. “O teu lugar é em casa”, dirá ele entredentes, a meio de uma provocação. Mes-

mo em relação ao filho que aí vem, Carlos conta delegar na mãe as mudanças de fraldas. Mas ela mantém a esperança de conseguir educar o filho de forma “mais moderna”.

**Queixas do costume.** Mais acima no mapa, debaixo do calor tórrido de Portalegre, Sara e João Casqueira vivem a dois desde janeiro, apesar de terem trocado alianças em setembro de 2009. Ela deixou a sua vida em Lisboa e rumou a outra, no Alto Alentejo, onde se tornou sócia-gerente da casa de repouso que é o negócio da família do marido. Ele saiu de uma multinacional para passar a divi-

**GONÇALO E MARIANA SERRA** TÊM UMA REGRA DE OURO COMO RECÉM-CASADOS: TODOS OS DIAS ALMOÇAM JUNTOS. CASADOS HÁ “DEZ MESES E TRÊS DIAS”, QUISERAM DAR O PASSO TODO AO FIM DE DEZ ANOS DE NAMORO





dir os dias com a mulher no trabalho e em casa. Esta foi, desde logo, uma mudança na vida de ambos após o casamento. Amigos e família (no caso dela) ficaram para trás, a acrescentar à adaptação da partilha de um espaço com o marido, com quem namorou cinco anos, mas com quem nunca vivera. Os primeiros tempos não foram fáceis...

Ao longo da conversa, ao almoço, soltam-se as primeiras queixas: “A Sara é muito desarrumada”, diz João. “Sempre fui”, admite ela. “Ele arruma as coisas, mas depois manda-me à cara.” E João: “Se eu não arrumar as calças da Sara, ficam em cima da me-

**“Mariana, não vamos fazer desta casa uma igual à tua, pois não?”, avisa Gonçalo Serra**

sa ou do sofá três dias...” Mais tarde, já em casa deles, o tema volta a surgir. João não pode ver uma coisa fora do sítio. Ajeita a colcha da cama mal entra no quarto. Sara também tem por (mau) hábito, segundo João, deixar “lenços de papel espalhados pela casa — centenas deles”, que ele apanha. À conta disso, assumiu tarefas domésticas, como estender a roupa — dele e dela —, que considera fazer “muito melhor”, porque a mãe sempre lhe disse que “roupa bem esticada é roupa meio passada”.

A casa de banho — um clássico na partilha do espaço de um casal — foi outra descoberta



**LÉLIA E CARLOS**  
REPRODUZEM OS  
PADRÕES DA CULTURA  
DE CAMPINOS E GANADEI-  
ROS EM QUE CRESCERAM.  
“ELE É CONSERVADOR E MACHISTA”, DIZ  
ELA, QUE JÁ SE HABITUOU.  
O LUGAR DE CADA UM ESTÁ DEFINIDO

**“De início, explodia. Agora, ouço, tento compreender. Mas viro mais as costas”, diz Lélia**

pós-casamento: João detesta ter de apanhar os cabelos de Sara no ralo do chuveiro. A posse do comando da televisão — outro clássico — também foi abordada e discutida. Resolveram-se pela duplicação de aparelhos: assim, ela vê a SIC Mulher sempre que quer, ele “só vê surf”. Quando estão chateados, ela vai para o andar de cima do duplex e ele ocupa o sofá da sala no piso de baixo.

Desentendimentos mais sérios, em sete meses de convivência, giraram em torno de três assuntos: “a cadela”, “a gestão do tempo livre” e “o tempo com as respetivas famílias”.

O primeiro é relativo a “Flor”, uma cachorrinha Labrador que Sara quis muito ter, antes de descobrir que estava grávida. A discussão surgiu quando João se quis desfazer dela, mas “Flor” ficou.

Outro dos assuntos que precisou de ser reajustado foi a gestão do tempo livre. “No início”, conta Sara, “o João aceitava tudo quanto eram convites dos amigos. Não estava à espera que ele fosse tão egoísta”. João dá-lhe razão. E fez alterações. “Agora, já não me roo todo se houver um jantar de amigos e eu não estiver lá”, confessa.

Outra problemática foi a repartição de tempo com as famílias de ambos. Sendo que a de Sara ficou em Lisboa e a de João é presença diária no trabalho e em Portalegre, a discrepância de tempo com uma e outra é

notória. A ela, custa-lhe essa diferença: “Trabalhamos com os pais dele, almoçamos com a mãe dele, e ainda havia dias em que ela queria vir cá jantar a casa”, conta ela. “Além disso, a mãe dele chega a ligar duas vezes por dia, ao contrário da minha...” Como resultado, há fins de semana em que cada um vai para a sua família, como se fossem solteiros.

Na mesma ótica, mantêm um hábito de antes de casados. Fazem sempre uma semana de férias com os amigos, uma vez por ano. “O casamento não pode ser uma prisão”, concordam ambos. Para João, de resto, “é o compromisso que interessa — não a cerimónia, nem o padre, que é uma fantochada”. Já ela acredita no casamento “como antigamente, para sempre”.

**O idílio romântico.** Mas nem todas as adaptações à vida a dois são tão difíceis. Gonçalo e Mariana Serra parecem viver um idílio romântico. Casados há “dez meses e três dias”, à data da entrevista, o instrutor de ténis de 27 anos e a designer de interiores de 25 transbordam felicidade. Após um longo namoro de dez anos, o casal não sentiu que tivesse corrido mais riscos por não ter vivido junto antes de oficializar a relação. “Casar foi resultado de uma sucessão de passos naturais. Para nós, não fazia sentido dar meio passo”, partilha ela. E o que descobriram um sobre o



**ROSARINHO E TRISTÃO,**  
61 E 72 ANOS, ESTÃO  
AINDA A VIVER  
O ESTADO DE GRAÇA  
PÓS-CASAMENTO. “NUNCA  
FUI TÃO FELIZ COMO AOS  
60”, DIZ ELA. “CASEI E FUI  
AVÓ.” ELE NUNCA PENSOU  
SER FELIZ OUTRA VEZ

## “Mais difícil é repartir uma só casa de banho...”, confessa Rosarinho

vez numa Missa do Galo. Rosarinho já estava divorciada e regressara à igreja, da qual estivera arredada uma temporada. “Nesse Natal, fiquei atrás de um homem cujo aspeto me agradou. A cabeça, os caracóis... Durante nove meses, pensei como iria abordar aquela pessoa.” Continuou a ir à missa, àquela igreja de São Domingos de Benfica, e um dia seguiu-o. “Ele ia numa direção diferente, entrou num café, eu entrei também e disse-lhe: ‘Venho tomar café consigo.’ Ele concordou.”

No domingo seguinte, Rosarinho voltou à missa, perguntando-se se acabariam a tomar café de novo. Domingo após domingo, foram tomando café após café — e descobrindo-se mutuamente. “Foi amor à primeira vista”, diz ele, embevecido, quando ela acaba a história. Tristão gosta de dizer que foi “a mãozinha de Deus” que os juntou. Pareciam adolescentes no início, contam. Ambos são oriundos de famílias muito católicas e conservadoras, por isso o casamento era a única coisa que fazia sentido. Até porque Rosarinho queria “o mesmo estatuto” que as irmãs e cunhadas do marido, conta ele.

Depois de casados, vieram viver para casa dela, que já estava montada. Ela cedeu-lhe “um terço do roupeiro”, dos dois que tem. A restante roupa dele ficou em casa da filha, do outro lado da Estrada de Benfica. É a parte mais difícil da convivência a dois, considera Rosarinho, “ter de repartir com outra pessoa o mesmo espaço — uma só televisão, uma única casa de banho...”

De resto, redescobriu o prazer de cozinhar, porque ele lhe faz “imensos elogios”. Habitaram-se a preparar o pequeno-almoço um para o outro, como mimo. E, “ao fim de seis meses, consegui finalmente que ele baixasse a tampa da sanita”, diz ela. A ele, só o encanita a quantidade de vezes que ela o manda lavar as mãos. De outro modo, a antiga bancária e o gestor de empresas, que já conheciam os prós e os contras do casamento, anunciam-se felizes como tudo. E continuam a ir à missa. Para agradecer? Todos os domingos. ■

outro com a vivência a dois? “Muito pouco”, garante Gonçalves. “Dez anos de namoro, vários inter-rails e fins de semana juntos” chegaram para se conhecerem muito bem. Ainda estão na fase apaixonada.

Uma das regras que instituíram depois de casados foi almoçarem juntos todos os dias. “Os meus amigos já me gozam porque sabem que tenho sempre de vir a casa à hora de almoço”, diz ele. Gonçalves adora as sopas que Mariana lhe faz, e quando se ausenta, por motivos de trabalho, sente imensa falta “dos cremes de coentros, de alho francês, de agrião”... Mas, como acontece a qualquer casal, partilhar um espaço trouxe novos desafios. Desde logo, na arrumação. “Uma das primeiras coisas que disse logo à Mariana foi: ‘Não vamos fazer desta casa uma igual à tua, pois não?’” Mariana admite que está muito mais arrumada e organizada desde que está casada com Gonçalves.

Concessões, teve de haver várias, claro. No escritório, cada um negociou uma parede... De um lado, ficarão os livros de trabalho de Mariana, do outro as t-shirts dele, de futebol. Gonçalves, que é doente por bola, ainda tem uma coleção enorme de t-shirts emolduradas, que ficaram em casa do pai. Da mesma forma, ele, que foi atleta de alta competição, teve de arrumar dentro de um armário com vitrina as inúmeras taças que ganhou...

“O que me custa estas taças não estarem cá fora em estantes”, confessa.

De resto, as cedências surgiram naturalmente. Ela, que adora sair à noite, sai cada vez menos, porque ele está sempre cansado — mas não se importa, porque prefere ficar com ele. E ele, que é “doente pelo Benfica” e adora fazer surf, cada vez mais abdica de ir aos jogos para estar com a mulher — porque quer aproveitar o tempo que têm juntos.

**Uma união madura.** Rosarinho e Tristão são a prova de que o amor pode sorrir em qualquer idade. Casados há um ano e três meses — ela com 61 anos e ele com 72 —, dizem-se rendidos à vida em comum. “Para mim, a maior surpresa foi perceber quão gratificante pode ser viver com uma pessoa e fazer as coisas acompanhada”, diz ela, que no seu primeiro casamento, de 27 anos, se cansou de ouvir a frase “Não somos siameses. Vai tu, que eu vou fazer o que gosto.” “Nunca fui tão feliz como aos 60”, garante Rosarinho. “Fui avó e casei.”

Maria do Rosário Ferreira tem 61 anos, é divorciada há oito e tem três filhos. Tristão da Cunha Carvalhais tem 72 anos, é viúvo há cinco anos e tem dois filhos. Casaram em maio de 2009, depois de um namoro de três anos e “picos”. A forma como se conheceram tem algo de mágico. Viram-se pela primeira